



**FILO:UBA**  
Facultad de Filosofía y Letras  
Universidad de Buenos Aires

H

# A biblioteca na página eletrônica do MST: heterogeneidade e memória

Autor:

Sousa Romão, Lucília Maria.

Revista

Información, Cultura y Sociedad.

2007, N°17, pp. 39-50



Homenaje



**FILO:UBA**  
Facultad de Filosofía y Letras

FILODIGITAL  
Repositorio Institucional de la Facultad  
de Filosofía y Letras, UBA

# A BIBLIOTECA NA PÁGINA ELETRÔNICA DO MST: HETEROGENEIDADE E MEMÓRIA<sup>1</sup>

[THE LIBRARY IN THE ELECTRONIC SITE OF MST:  
HETEROGENEITY AND MEMORY]

LUCÍLIA MARIA SOUSA ROMÃO  
SORAYA MARIA ROMANO PACÍFICO

---

**Resumen:** Esse trabalho busca, à luz da teoria do discurso, investigar como a heterogeneidade é manifesta em uma biblioteca virtual, a saber, a Biblioteca inscrita dentro do site do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Interessa-nos perceber como há uma memória sustentadora dos atos de linguagem e como há uma inscrição histórica dos sentidos no verbal e no imagético, que possibilitam a construção de vários gestos de leitura. Por fim, julgamos ser produtivo analisar a biblioteca como o espaço polifônico em que várias vozes estão inscritas, marcando o movimento dos sujeitos, dos sentidos, enfim, dos discursos.

**Palabras clave:** Biblioteca eletrônica; MST; Discurso; Sentido.

**Abstract:** This work searches, at the light of the theory of speech, to investigate as the heterogeneity is obvious in a virtual library, in this case, the library in the site of the Rural Workers Movement (MST). It is interesting to know that there is a supporting memory of the language actions and a historical registration of verbal and no-verbal senses, that allow the construction of several reading gestures. Finally, we considered important to analyze the library as a polyphonic space where several voices are enrolled, marking the movement of the subjects, of the senses, that is, of the speech.

**Keywords:** Electronic library; MST; Speech; Sense.

---

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo (Graduação e Pós-Graduação). Departamento de Pós-Graduação em Psicologia. Av. Bandeirante 3900, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Correo electrónico: luciliamsr@ffclrp.usp.br ou tantpalavras@uol.com.br  
Artículo recibido: 21-05-07. Aceptado: 8-10-07  
*INFORMACIÓN, CULTURA Y SOCIEDAD*. No. 17 (2007) p. 39-50  
©Universidad de Buenos Aires. Facultad de Filosofía y Letras. Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas (INIBI), ISSN: 1514-8327.

*Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo.*

Michel Foucault

«*Na foz do rio é que ouvem o barulho de todas as fontes*», afirma Guimarães Rosa no seu ser-tão com várias veredas, marcando, no fragmento de prosa-poesia, o efeito de condensação e heterogeneidade da vastidão do sertão. Ao mesmo tempo em que a foz de um rio é uma e inteira em sua suposta forma de rio, ela manifesta o barulho de todas as fontes que engendraram o seu caudaloso corpo ao longo do seu percurso e da sua formação do rio; dito de outro modo, a foz condensa as fontes como a marcar, nas águas misturadas, a sua origem diversa e plural. O mesmo e o diverso entretecem movimentos de água, dão forma ao vário, fazendo-o parecer uno, e marcam as pegadas do trajeto do rio inscrito como nascente, veio de água, riacho, córrego em tantos outros espaços que não aquele em que a foz se manifesta como tal.

Assim também é o discurso, efeito de sentidos entre interlocutores (Pêcheux, 1969) sempre atravessado pela heterogeneidade, segundo a qual, sob o dizer do sujeito, muitas vozes estão ditas, marcando o modo como outros lugares sociais já foram ocupados e colocam-se em curso no momento da enunciação. «*No fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz, um certo número de formas, lingüísticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o outro*» (Authier-Revuz, 2004: 12).

A heterogeneidade é presença sustentadora da voz do sujeito como as várias fontes d'água anônimas constituem a foz em sua espessura significada pelo volume e inteireza. Ao tomar a palavra, o sujeito mobiliza palavras que não são suas, mas que já foram ditas em outros lugares sociais e em outros contextos históricos, apropriando-se da voz que lhe é estranha e tão próxima e fazendo suas as palavras de outrem, pois «*o outro é sempre onipresente e está em toda a parte*» (Authier-Revuz, 2004: 21). Assim, a noção de que todo dizer é heterogêneo nos leva a afirmar que o sujeito e a formação discursiva também o são, atravessados pelo outro, pela voz de outros, «*um outro que não é nem o duplo de um frente a frente, nem mesmo 'o diferente', mas um outro que atravessa constitutivamente o um*» (Authier-Revuz, 2004: 25). Esse conceito de heterogeneidade vem a partir dos conceitos de dialogismo e de polifonia, cunhados por Bakhtin. De acordo com este autor, (1998: 86):

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele.

Temos, então, um sujeito esburacado, marcado pelas faltas de inteireza e unidade posto que constituído por várias vozes, atravessados por palavras de que desconhece a origem, cindido, marcado pelo desejo de dizer tanto quanto pela impossibilidade de fazê-lo com clareza e univocidade. Um sujeito novo no campo das ciências da linguagem, concebido como posição no discurso (Pêcheux, 1969), migrante por entre palavras que não são suas, desvestido da certeza de que é a fonte dos sentidos que produz, estranhos e tão familiares ao/no seu dizer; sujeito que, ao afirmar, «eu é que digo» põe em cheque todo o cogito cartesiano, furando a certeza de que as palavras e o mundo mantêm uma relação termo a termo, direta e sempre a mesma. Tudo isso inscreve, na teoria do discurso, um privilegiado observatório para a compreensão dos atos de linguagem, a saber, aquele em que o sujeito não passível de quantificação, pois não cabe em regularidades nem enuncia sempre do mesmo modo, mas é sujeito no movimento e no entremeio de várias vozes ditas e silenciadas.

Ainda uma vez mais tomamos a metáfora do rio, pontuando que não há como perceber seu leito de rio, observá-lo e analisá-lo, tomando-o em si mesmo sem levar em conta o fluxo, o movimento, o seu curso de águas por terras distantes, alheias e outras. Isso nos remete ao conceito de interdiscurso (Pêcheux, 1999), saber discursivo que garante que as palavras tenham e façam sentidos, sustentando a existência e constituição da linguagem, pois é pela superfície do já-dito, já-lá constituído sócio-historicamente, que o sujeito tem a possibilidade de ser instando à condição de sujeito de seu discurso, de «dono» de suas (des) palavras, enfim, de ter acesso à voz do outro para poder enunciar.

(...) no discurso há sempre um discurso outro, função da relação de todo dizer com a ideologia (com a exterioridade, com o interdiscurso). O dizer, logo, nunca é só um. A noção de formação discursiva, tal como foi proposta por M. Pêcheux, a meu ver, nunca foi indiferente a isto. Ao contrário, é um modo de trabalhar essa multiplicidade e essa diferença inscrita na linguagem, uma vez que o múltiplo e o diferente se ordenam no discurso ao produzirem seus efeitos, E é dessa ordem que trata a análise do discurso» (Orlandi, 2003: 11).

O lugar da memória estabelece a condição de legibilidade do dizer, posto que as palavras não guardam um sentido em si mesmas, não estão em estado de dicionário congeladas em sentidos fixos, mas significam em seus usos, contextos em que são ditas, em dizeres de sujeitos que as emprestam de outros lugares. As palavras como o movimento do rio também podem ter seus sentidos deslocados, deslizados, carregados para outras águas, para terceiras e tantas margens; assim sendo, elas significam pela anterioridade, pelo arquivo que elas constituem (e que as constituem) e pelo movimento construído socialmente a partir da relação delas com o poder (Romão, 2002). Segundo Orlandi (2003), usamos palavras que já têm sentido e que guardam a inscrição histórica dos sentidos. Ainda sobre esse conceito, Mariani (1998: 38) afirma que *«pensar discursivamente a memória é analisar as formas conflituosas de inscrição da historicidade nos processos de significação da linguagem.»*

Os dois conceitos-chaves da Análise do Discurso de filiação francesa trabalhados até aqui- heterogeneidade e memória- serão mobilizados para interpretar a página eletrônica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Sabemos que a textualidade eletrônica apresenta uma topologia em links (Lévy, 1999, 2001), que podem se colar e/ou romper mutuamente, construindo e rompendo os fios de uma teia de inúmeros nós (Romão, 2004); rede esta em que cada nó é uma rede em si. Considerando a rede eletrônica a partir da lente da teoria do discurso e levando em conta as noções de arquivo (Pêcheux 1982), heterogeneidade e memória, inferimos que as palavras colocadas em discurso nos links só fazem e constroem sentidos para o sujeito que tiver acesso ao interdiscurso e aos sentidos já dados pela superfície da memória. Por exemplo, o link de um movimento social de luta pela terra só é interpretado por um sujeito que já tiver acesso aos sentidos socialmente construídos sobre o que é um movimento social, sobre o que isso significa a respeito da desigualdade de poderes em um país com a estrutura agrária concentrada como a brasileira, sobre quais vozes se organizam nesse tipo de movimento e sobre como o processo de reivindicação já foi silenciado em outros contextos históricos e hoje pode ser discursivizado. Nesse sentido, concordamos com Courtine (1999) quando ele afirma que *«memória e esquecimento são, assim, indissociáveis na enunciação do político»*. E, no nosso caso, é preciso levar em conta o político, visto que estar na rede inscreve um novo modo de materializar efeitos de resistência, reivindicação e denúncia, fazendo falar a voz de um sujeito que muitas vezes foi silenciado e não pôde dizer palavras de luta.

Dessa forma, estar na rede eletrônica significa ocupar um lugar na teia pública e aberta à visitação de vários, instalando um endereço fixo para dizer de si e delimitando um lugar imaginário, no qual relatos, estratégias, notas de repúdio, protestos, abaixo-assinados etc podem ser materializados. Assim, a página eletrônica do MST é entendida aqui como um arquivo discursivo que marca a inscrição histórica dos sentidos de luta pela terra e apresenta um outro

modo de constituição, produção e circulação dos dizeres, qual seja, aquele em que vários enunciados são selecionados e emprestados de várias outras páginas, enovelando a voz de vários sujeitos, colocando lado a lado águas de diferentes rios e também o murmúrio de vários deles.

Também ressaltamos que, em relação à questão agrária, o *www* propicia a emergência de arquivos, cujos sentidos questionam aqueles materializados pela formação discursiva tida como oficial, dominante e legitimada, promovendo, assim, a instabilidade e a possibilidade de confronto, de espaços de tensão, disputas e conflitos. Temos, então, links e sites onde vazam os ditos já estabelecidos e cristalizados como únicos possíveis de serem ditos como é o caso do site em estudo, em cuja trama várias vozes são postas em discurso, em cuja teia pretendemos flagrar o dialogismo, a heterogeneidade e os efeitos de memória na ***Biblioteca*** eletrônica, construída e materializada no site do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Observamos em suas «várias estantes e prateleiras» a presença de várias vozes de sujeitos que apóiam o MST e/ou a reforma agrária, ou, então, filiam-se ao interdiscurso que sustenta a necessidade de mudanças sociais para o crescimento do país.

Algumas entradas desse grande arquivo «***Biblioteca***» serão interpretadas a seguir, buscamos compreender o modo como são produzidos sentidos na forma de nomear esses links e no modo como eles engendram heterogeneidade e memória. O primeiro deles chama-se «***Biblioteca- Dados***» e é seguido por links cuja designação são «***Acampamentos***», «***Assentamentos do MST em 2004***», «***Prisões 2004***». Percebemos, aqui, a marca de uma outra voz que indicia os efeitos de suposta exatidão, objetividade e autoridade dos órgãos de consulta e de pesquisas. A apresentação de estatísticas teria o poder de conferir credibilidade ao dizer da página eletrônica, emprestando um efeito de realidade à violência que os sem-terra sofrem, às mobilizações que organizam e às conquistas de terra consolidadas em assentamentos. Esse efeito de realidade é sustentado pelo ideário considerado científico das pesquisas quantitativas e pela forma como os números são falados como prova irrefutável e contundente, ou seja, o sujeito, afetado pelo efeito ideológico de evidência de que para comprovar é preciso quantificar, abre uma janela na página eletrônica, marcando no canto inferior esquerdo que ela é desenvolvida por «***ibBrasil***».

Ainda na «***Biblioteca***», temos os outros links nos quais é manifesto o mesmo entrelaçamento de vozes: há o link «***Biblioteca- Cartazes***», em que estão postos os cartazes do movimento, de festas populares, de campanhas por justiça, de denúncia da impunidade como o exemplo abaixo:



A articulação do texto visual com o verbal cria um efeito de sentido de legitimação do movimento, posto que usa, como estratégia de persuasão, o poder da imagem de personalidades mundiais, sobre as quais não circulam sentidos de violência, de invasão, de baderna como os que são sócio-historicamente atribuídos aos sem-terra; além disso, são sujeitos respeitados no que se refere à luta por uma sociedade menos desigual, pela defesa das camadas não-privilegiadas da população, enfim, pelo fato de representarem vozes autorizadas a falar sobre as coisas que estão fora de ordem, em determinado momento sócio-histórico. Dessa forma, por um deslizamento de sentido, podemos interpretar que o MST não é formado por «*UM*» grupo singular, minoritário, de brasileiros falados como desocupados, mas sim, por um «*NÓS*» mundialmente significativo e plural, globalizado na forma e no tema pelo qual se luta. Podemos, também, interpretar o sentido de «*NÓS*» como amarração, como se todos os sujeitos estivessem amarrados, ligados, unidos por uma mesma causa, no caso, a luta do MST.

No entanto, essa leitura só pode ser feita se o leitor tiver acesso ao interdiscurso, aos sentidos já construídos sobre cada personalidade e sobre as causas políticas, sociais, populares com as quais estiveram envolvidos; caso contrário, as imagens usadas podem cair no reducionismo de serem lidas/vistas apenas como moldura do texto, apagando-se os sentidos que cada voz evoca na interpretação deste texto, ou seja, nas canções de Chico Buarque; na luta e morte de Dorothy Stang; na «não-cegueira» de José Saramago; na busca de um país independente, de Hugo Chavez; no fazer científico comprometido de Milton Santos; nas fotografias de Sebastião Salgado com seus brancos e pretos denunciatórios; nos versos questionadores do religioso Pedro Casaldáliga, em todas as vozes que já gritaram e ainda gritam por uma sociedade e um tempo, mais justos e menos violentos.

Temos, em um link, a «*Biblioteca-Entrevista*» onde estão organizadas várias entrevistas de cientistas, pesquisadores, intelectuais, ou seja, várias vozes que já circularam em outros meios de comunicação, em outros jornais, em outras páginas eletrônicas. Há, também, o link com «*Biblioteca-Charges*», onde estão enumerados vários nomes de chargistas conhecidos que emprestam seu traço para, também eles, colocarem-se como sujeitos de um discurso de denúncia, vale destacar aqui que, clicando no nome do artista, o internauta acessa um conjunto de charges sobre a questão agrária, como o exemplo abaixo de Oscar Niemeyer:



Podemos observar que os supostos corpos estão dispostos como se participassem de uma festa, de uma folia carnavalesca, erguendo bandeiras numa situação comemorativa. Mas, não temos apenas bandeiras, temos bandeiras vermelhas, o que já instala outras possibilidades de interpretação. Como sabemos, e, se sabemos é porque temos uma memória discursiva que reverbera, a cor vermelha sempre esteve ligada ao comunismo, ao socialismo, aos movimentos grevistas, aos partidos de esquerda, aos sindicatos, que sempre foram falados pela classe dominante como lugares discursivos de bagunça, conflito violento, intransigência, sangue, extremismo perigoso, sentidos construídos sócio-historicamente e que, pelo efeito da ideologia dominante, causam medo, sentimento de ameaça, de invasão, de destruição, de morte.

Sendo assim, ao analisarmos um texto em que vemos sujeitos não identificados balançando bandeiras vermelhas nas quais está escrito MST, somos levados a interpretar que a luta do homem pela terra, por um espaço de vida e sobrevivência, ficam em segundo plano, uma vez que, o que chama a atenção do leitor é o objeto «assustador» que eles carregam, como se fosse uma investida contra a sociedade, algo que é uma mistura de marcha política e festa da vitória da revolução. Os sentidos aqui constroem uma outra trama diferente do cartaz anterior, que trazia o rosto de frente, o olhar encarando o leitor do cartaz e o nome de cada personalidade, garantindo que os rostos seriam reconhecidos, pois este é um efeito de sentido desejado por aqueles que querem o reconhecimento do movimento.



Nesta charge, temos um efeito de denúncia da visão que é construída e circula nos grandes veículos de comunicação sobre o que significa ser integrante do MST, isto é, fazer parte de um imenso grupo, cuja identidade pessoal não precisa ser marcada, já que os participantes não são personalidades reconhecidas, não ocupam um lugar social de destaque, não têm o poder de voz; todos são iguais na sua insignificância social. Todavia, eles são marcados pela bandeira, são reconhecidos pela cor vermelha e são discursivizados como bando, grupo, participantes do movimento, mas não como João, Maria, José... Nas palavras do poeta, «*E agora, José?*».

Por outro lado, conhecendo os sentidos já instalados sócio-historicamente pela voz de Oscar Niemeyer podemos ter acesso a mais uma leitura, já que sabemos serem os gestos de leitura sempre plurais. O arquiteto que construiu a capital federal, centro político do poder, é marxista e sempre defendeu o socialismo, as lutas populares e os movimentos sociais do campo e da cidade; prontificou-se a fazer um monumento no lugar em que os 19 trabalhadores rurais foram mortos em Eldorado de Carajás no norte do país, já foi fotografado com o boné do movimento, enfim, é uma voz de autoridade a marcar a persistência da utopia revolucionária no mundo globalizado. Assim, o cartum pode também fazer falar a voz da alegria e esperança das mobilizações populares, nesse caso, figurativizadas pela bandeira vermelha e pela foice erguidas em prol de resistências, movimentos de questionamento que desautorizam a ordem vigente. O plano do cartum nos remete a olhar uma fila de pessoas vindo na direção do leitor com seus instrumentos de luta e de trabalho erguidos, posto que não estão entregues, não se renderam, não se curvaram, mas ergueram sua voz e caminham em direção de enfrentamento com o leitor, com o poder, com a (des)ordem vigente, deslocam-se em manifestação e quem sabe atrás desses que se vê desenhados existam outros e mais outros e mais outros.

Há, também, «*Biblioteca-Livros*», «*Biblioteca-Textos*», «*Biblioteca-Vídeos*» e «*Biblioteca-Lutadores e lutadoras do povo*», em que as marcas de heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 1990) estão pontuadas. Julgamos interessante marcar como no link «*Biblioteca-Fotos*», há enunciados que colocam em discurso o efeito de indignação e revolta e, depois de acessá-los, estão dispostas fotografias do movimento social em datas comemorativas, dias de mobilização ou jornadas de luta, dentre elas destacamos a *Marcha Nacional pela Reforma Agrária*.



*Fotos da Marcha Nacional pela Reforma Agrária.  
Mais de 13 mil pessoas caminharam de Goiânia a Brasília entre  
02 e 17 de maio de 2005.*

Aqui, também, observamos que o texto visual prescinde do rosto dos integrantes, mais uma vez, anônimos, de costas para o fotógrafo que privilegiou a cor, a marca, o emblema do MST, ao invés de revelar o rosto de cada um. Notamos que a foice sobrepõe-se à bandeira vermelha, dois símbolos de trabalho e de luta política que ganham destaque em meio à multidão que caminha em fila. Se, por um lado, interpretamos que a foto pretende marcar a presença de muitos integrantes, na passeata, por outro lado, temos que a ênfase é dada aos instrumentos que marcam o movimento como trabalhador e realizador de atos políticos. Temos a foice como instrumento de trabalho, nesta foto erguido, ferramenta que se usa na terra para cavar, cortar, ceifar, colher o fruto que alimenta. No entanto, o símbolo foice também pode nos remeter ao universo da

morte, posto que a gadanha da mulher caveira é o instrumento metafórico que ceifa a vida humana, que encerra os movimentos de viver e que inscreve sentidos de medo, é filiando-se a essa rede de memória que o dizer midiático faz falar e reforça os sentidos de ameaça, perigo, baderna e perturbação dos sem-terra quando os documenta com foice nas mãos.

Para a Análise do Discurso, o discurso está sempre relacionado com suas condições de produção. No entanto, também é elemento contextual o veículo onde o texto está inserido, já que ele produz sentidos, visto que todo veículo de comunicação é ideológico. Interessante constatar que, mesmo sendo um site a favor do MST, para nós, o sujeito que fotografou a passeata foi capturado pela ideologia dominante e não duvidou dos sentidos legitimados; pelo contrário, fez circular os mesmos sentidos tecidos pela grande mídia que constrói uma imagem perversa do MST, apagando a singularidade dos sujeitos que fazem parte do movimento. Essa interpretação faz-nos recorrer ao conceito bakhtiniano de dialogismo, segundo o qual muitas vozes se cruzam no interior de um texto, num diálogo intertextual ininterrupto. Desse modo, podemos dizer que no texto analisado, o confronto de vozes é bem marcado pelas diferentes formações discursivas, isto é, uma formação discursiva que pretende garantir a defesa do MST e outra que a nega, retomando os sentidos legitimados sobre o movimento, a saber, a foice, que pela memória discursiva retoma o socialismo, o qual, mesmo em época de decadência, assusta o mundo, a bandeira vermelha erguida representando os sentidos de a invasão do território e sangue.

No entanto, é também possível esboçar um outro gesto de leitura: em se tratando de uma fotografia da Marcha a Brasília, temos um recorte imagético de um sem-terra na fila durante o percurso da marcha, chegando ao centro do poder político, entrando em um cenário do qual sempre foi excluído, posto que a agenda nacional nunca priorizou a reforma agrária. Temos, então, dois planos fotográficos que supõem um enfrentamento: no primeiro, o militante que marcha dias a pé de sol a sol em uma romaria que reclama reforma agrária e justiça social, o retirante em curso que não quer se jogar da ponte como Severino, que não pensa em desistir, mas que sabe que, mesmo com a vida severina e franzina, é possível construir um trajeto de mobilização, esperança, resistência e luta. O marchante aqui, por um movimento tanto metafórico quanto metonímico representa não um corpo isolado que marcha, mas o ícone de uma luta de muitos que não puderam gritar nem resistir em outros momentos, um efeito de condensação de sentidos de luta, luta esta historicizada e atualizada no agora da marcha. Além dessa metáfora, há uma metonímia que supõe a substituição da parte pelo todo: o corpo de costas é uma marca dos que estão à frente e dos que estão atrás, ou seja, de muitos outros corpos (a legenda da foto materializa que *«mais de 13 mil pessoas caminharam de Goiânia a Brasília»*), que não podem ser vistos ou fotografados aqui, mas que estão representados nesse corpo que se vê, iconizado pela bandeira do MST, pela mochila que carrega a bandeira, pelo instrumento

de trabalho no campo, pelo chapéu do trabalhador rural, enfim, pelo próprio corpo vestido, coberto, envolto pela bandeira. Essa materialidade não-verbal indicia um modo como os sentidos podem ser dialogizados, tagarelamente borbulhantes, levando o sujeito-leitor a diversas possibilidades de construção de sentidos e de gestos de leitura.

Como vimos, a página do MST marca um lugar discursivo de resistência dos sentidos sobre a luta pela terra no país, inscrevendo e atualizando as redes da memória já ditas em outros contextos sociais e, para tal, entrelaça diversas vozes. Instala, assim, um modo de produção, constituição e circulação dos sentidos sobre o político, qual seja, faz falar, na voz do movimento, a voz de diversos outros sujeitos de outros movimentos, de sentidos em movimento, em discurso, em curso como o rio que arrasta em seu bojo caudaloso o nascer de todas as fontes, o rastro de todos os trechos percorridos e a força da mistura de várias terras, pedras e águas.

## Notas

<sup>1</sup> Parte desse trabalho foi publicado nos Anais do I CIELLA- Pará (Projeto Universal/ CNPQ)

## Referências bibliográficas

- Authier-Revuz, J. 1990. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). En *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Vol. 19, 25-42.
- Authier-Revuz, J. 2004. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: Edipucrs. 257 p.
- Bakhtin, M. 1998. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec. 440 p.
- Courtine, J. J. 1999. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. En Indursky, F. e M. L. C. Ferreira, orgs. Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto. p. 22.
- Foucault, M. 1998. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola. 80 p.
- Lévy, P. 1999. Cibercultura. São Paulo: Editora 34. 260 p.
- Lévy, P. 2001. O que é virtual? São Paulo, SP: Editora 34. 157 p.

- Mariani, Bethania. 1998. O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Campinas: Editora da Unicamp e Editora Revan. 256 p.
- Orlandi, E. 2003. Análise de discurso princípios e procedimentos. 5a. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editora. 100 p.
- Pêcheux, M. 1969. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp. 317 p.
- Pêcheux, M. 1982. Ler o arquivo hoje. En Orlandi, E., org. Gestos de leitura. Campinas: Editora da Unicamp. p. 55-64.
- Pêcheux, M. 1999. Papel da memória. En Achard, P., org. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes. p. 49-57.
- Romão, L. M. S. 2002. O litígio discursivo materializado no MST: a ferida aberta na nação. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 310 p. Tese de Doutorado.
- Romão, L. M. S. 2004. Na teia eletrônica, fragmentos da memória. En Morello, Rosângela, org. Giros na Cidade: materialidade do espaço. Campinas: Editora da Unicamp, Labeurb. p. 39-46.